

## **Um Estudo Psicossocial do Livro: Galera em Movimento – Uma Turma que Agita a Transformação do Brasil**

---

Ednaldo Antonio da Silva – FIR – Faculdade Integrada do Recife

**Contato:** nicoitaenga@yahoo.com.br

**Curriculum Lattes no endereço:**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4254017A8>

---

### **Resumo**

No enfoque deste estudo busca-se analisar os aspectos Psicossociais do livro Galera em Movimento – Uma Turma que Agita a Transformação do Brasil. Uma parceria entre Projeto/Revista Viração, Programa Aprendiz Comgás (PAC) e Ministério da Cultura (Minc), o livro teve seu lançamento na sexta-feira, 23 de novembro, durante a festa do 7º aniversário do PAC. No qual mostra como acontece a organização social e psicológica dos adolescentes no Brasil. Mostra como os movimentos juvenis têm modificado significativamente a vida de muitos jovens em situação conflituosa. Sendo um estudo da prática da Psicologia Comunitária/Psicologia Social e como a forma de expor a problemática em diferentes contextos sociais aproxima um grupo de adolescentes e transformando e aproximando tribos e galeras e grupos juvenis de todas as partes do Brasil para uma realidade comum entre eles aprender, partilhar e interagir de forma dinâmica e eficaz. Com uma investigação de alguns artigos científicos, livros, páginas online na internet e documentos.

**Palavras chaves:** adolescente; transformação; movimento.

### **Abstract**

In the focus of this study we looked for to analyze the aspects Psicossociais of the book Galley in Movement A Group that Agitates the Transformation of Brazil. A partnership among Project / Reviewed Breeze, it Programs Aprendiz Comgás (PAC) and Ministry of the Culture (Minc), the book had his/her release on Friday, November 23, during the party of the 7th birthday of PAC. In which shows how it happens to the adolescents' social and psychological organization in Brazil. Display as the juvenile movements has been modifying the life significantly of many young in conflicting situation. Being a study of the practice of the Community Psychology / Social Psychology and as the form of exposing the problem in different social contexts approximates a group of adolescents and transforming and approximating tribes and galleys and juvenile groups of all the parts of Brazil for a common reality among them to learn, to share and to interact in a dynamic and effective way. With an investigation of some scientific goods, books, pages online in the internet and documents.

**Key words:** adolescent; transformation; movement

## 1 Introdução

As autoras Daniele Próspero e Laura Giannecchini da publicação de Galera em Movimento - Uma turma que agita a transformação do Brasi, (2007). Colocaram no livro histórias de vidas de jovens com um enorme desejo de fazer acontecer. Colocaram histórias em um livro que motive outros adolescentes a fazer coisas similares a essa vontade de motivar. As jornalistas ouviram milhares de histórias com o papel de contá-las. Mostra pessoas que não eram valorizadas, levando um notícia boa em vez das ruins. O livro foi editado por Paulo Lima, do Projeto/Revista Viração, também o projeto gráfico do livro foi feito por Paulo Assis Barbosa. Esta obra patrocinada pela Comgás.

Galera em Movimento é uma pequena amostra do que os jovens deste país podem e estão fazendo, e por que não? Quem são eles? As autoras tiveram o cuidado de privilegiar, na escolha das histórias, diferentes realidades sócio-econômicas, locais e culturais a fim de construir uma ampla identificação. De uma maneira ou de outra todos se conseguiu representar os jovens do Brasil, já que os jovens retratados no livro são diferentes no vestir, no falar, no andar, mas semelhantes no pensar, no refletir e no agir. Esse livro representa sonhos realizados, o sonho das jornalistas e muitos outros que irão nascer em todos aqueles que o lerem.

A obra narra a história de 11 crianças e adolescentes e conta, na voz dos próprios personagens, suas experiências como protagonistas em movimentos sociais inseridos na realidade em que vivem trabalhando com os mais variados temas.

O livro traz os temas relacionados às políticas públicas direcionadas ao jovem brasileiro, como o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) Lei Federal do Brasil n.º 8.069 de 13 de Julho de 1990, da homoerotismo como as reivindicações do movimento GLBT, e também são apresentadas às histórias de diversos movimentos sociais, como o Hip-Hop, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o estudantil, ambiental, eles participam de movimentos infanto-juvenis, às vezes fundados por eles mesmos, dentre outros. Retratando a vida de crianças e adolescentes de atitude, com muita coisa a dizer e a fazer.

Além das histórias de cada jovem. Em cada capítulo há dicas de sites e outras informações para os leitores interessados em aprofundar-se nos temas. A publicação tem incentivo da Lei Federal do Brasil de Incentivo à Cultura Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991, conhecida também por Lei Rouanet, e sendo distribuído para escolas públicas e organizações não-governamentais.

Experiências que priorizam a participação dos jovens como protagonistas do seu processo de desenvolvimento vêm demonstrando ser alternativas eficientes para superar a vulnerabilidade desses atores, tirando-os do ambiente de incerteza e insegurança Castro et al (2001). Captar e disseminar a expressão dos jovens, concretizando suas potencialidades juvenis e permitindo que eles contribuam para a problematização de seu cotidiano é a pedra angular do sucesso desses programas. Além disso, a valorização das formas de expressão tipicamente juvenis, tais como o rap e o grafite, colabora para que, tanto os próprios jovens quanto o resto da sociedade, reconheçam esses atores como capazes de contribuir e construir soluções pacíficas para os conflitos sociais.

O livro tem a função focar a implementação de uma linha de políticas públicas que sirvam para o fortalecimento do capital social, reconhecendo a necessidade de uma mudança na percepção dos formuladores de políticas públicas sobre o desenho

e a importância das políticas sociais vinculadas às práticas comprometidas com a perspectiva de libertação sócio-política da população (CAMPOS, 2000).

A autora ainda fala que é preciso também estabelecer a clara necessidade de interação entre o que deve e pode ser desempenhado pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade para a superação da vulnerabilidade social, incorporando o sentido da resistência à opressão e da luta pela cidadania plena. Ao enxergar apenas olhando ao seu redor ou para dentro de si mesmo ao longo das páginas é possível surpreender-se com a maturidade da consciência e sensibilidade desses adolescentes e o quão longe eles podem ir.

Assim como citado em Campos (2000) o livro traz as principais estratégias de ação detectadas: Reuniões dos jovens para análise das necessidades e possíveis soluções, inclusive com o incentivo à formação de grupos de autogestão e à formação de recursos humanos do próprio grupo, e propostas de atividades específicas. Para que a formação de recursos humanos capazes de desenvolver e dar continuidade a ações de melhoria da qualidade de vida social seja viável, tendo em vista o fortalecimento do envolvimento afetivo com os objetivos e programas de ação propostos. Com promoção de envolvimento através da busca de uma definição pelo próprio grupo de jovens.

Contudo a autora ainda apresenta que as histórias dos jovens expresso no livro tentam promoverem a crescente consciência da situação de opressão e a iniciativa de ações transformadoras autônomas que leva em consideração a necessária vinculação entre condições objetivas de vida e processos psicológicos.

O livro Galera em Movimento trata como devemos lidar com as desigualdades sociais em seus mais íntimos aspectos. Vários autores Zaluar (1994); Pinheiro (1996) e Soares (1996) frisam que os dados sobre desigualdades sociais não embasam imobilismo ou pessimismo quanto ao possível, ou seja, não podem impedir que se invista em especial o Estado, quanto a políticas públicas para lidar com violência, mas que inclusive para uma mobilização da sociedade civil contra violências há que superar tais restrições, incompatíveis com uma cidadania plena (PINHEIRO, 1996).

No livro é visto como os jovens conseguiram mobilizar-se e fazer valer. É comum a insistência em que há que ter reformas institucionais, promovidas pelo governo em seus distintos níveis, como no aparato de justiça e segurança, ainda que se reconheça que, principalmente na década de 1990, o Estado e a mídia se voltaram para questões como o trabalho escravo, a violência contra crianças e adolescentes, o aumento no número de meninos e meninas em situação de rua, a prostituição infantil, a tortura, a discriminação racial, e por conta de gênero, e que tais esforços associam-se a uma maior advocacia por direitos humanos em distintos campos pela sociedade civil presente no Estatuto da Criança e do Adolescente e levado como pontos de reflexão para os jovens.

### **1.1 Mobilizações Política, Educacional, Segurança, Desigualdades Sociais, Direito e Acesso a Terra**

O livro Galera em Movimento de acordo com os estudos de Campos (2000) visa à organização da população para ações com autonomia que levem à solução de problemas concretos oriundos da contradição fundamental entre capital e trabalho.

Em Dimenstein (1996) o registro de casos de extermínio, prisões, conflitos de terra, trabalho escravo, massacre de índios e violências contra a mulher, noticiados

amplamente, ocorridos na última metade da década de 90 e 2000 que, na sua maioria, contou com denúncia e acompanhamento por parte de entidades da sociedade civil e organizada. Que são temas e enfoques que o livro traz como um dos fundamentos.

De acordo com Campos (2000) as diversas experiências comunitárias vêm apontando para a importância do grupo como condição, por um lado, para o conhecimento da realidade comum, para a auto-reflexão e, por outro, para a ação conjunta e organizacional. Em outros termos, estamos falando de consciência e da atividade – categorias fundamentais do psiquismo humano, que sistematizam muito do que se sabe sobre comportamento, aprendizagem e cognição. Quando se procura resgatar a subjetividade, esta implica necessariamente em identidade, categoria que leva ao conhecimento da singularidade do indivíduo que se exprime em termos afetivos, motivacionais, através das relações com os outros – ou seja, na vida grupal.

Como outros autores citados, Peralva (2000) insiste também sobre a necessidade de se refletir sobre o papel do Estado quanto à legitimidade no controle da violência e a participação das populações de baixa renda e da sociedade civil no jogo democrático, além da importância de reformas na polícia e na justiça – "ter uma polícia respeitada e respeitável".

O objetivo principal do livro é despertar a atenção do público leitor, formado também por crianças e adolescentes, incentivando a prática de ações que tenham efeito positivo e transformador na sociedade, independente da classe ou condição social a que pertençam.

Assim tornar os leitores pertencentes do grande grupo inserido no livro. E neste contexto grupal que se identifica com outro e é nele também que nos diferenciamos deste, e assim constrói-se a identidade, sendo grupo condição para a sua manutenção ou metamorfose (CAMPOS, 2000).

Continuando a autora relata que a comunidade tornou-se referencial de análise que permite olhar a sociedade do ponto de vista do vivido. E a obra é recheada de informações e dicas de sites para que o leitor se aprofunde sobre o tema abordado em cada capítulo, o que faz com que o conteúdo possa ser usado como material para didático por professores em salas de aula. As ilustrações e fotos feitas por profissionais voluntários, além da edição de Paulo Lima, jornalista Amigo da Criança e criador da Revista Viração, atribuíram ao livro uma linguagem leve e dinâmica.

Vieira (2001) cerca o debate sobre violência e valores, advogando o resgate da importância da lei, o que se conseguiria mais aproximando texto e contexto, ou seja, o escrito jurídico de normas de convivência, ética quanto ao direito da alteridade, o que resgata o princípio mediterrâneo pelo respeito ao outro, insistindo na reciprocidade – e aí o dever não só dos cidadãos, mas do Estado de respeitar tal lei.

Para uma sociedade pacificada haveria que recusar os guetos e a apartheid sociais, ou seja, que todos se sentissem parte de uma cultura comum, partilhando normas e valores, ainda que se conserve o pluralismo e as diferenças não pautadas em desigualdades sociais – "o racismo, a pobreza o não-acesso à educação e a bens essenciais à dignidade humana são formas que facilitam a percepção do outro como inferior" (VIEIRA, 2001).

Uma leitura sugerida pelo livro que aponta o autor acima seria a de que mais que as desigualdades sociais em si, a forma como se canaliza o descontentamento com as desigualdades, impunidades quanto a violações de direitos e o arbítrio no uso das leis, associarem-se com sentidos de violência, ainda que não diretamente racionalizados dessa forma.

Sentir-se desrespeitado legalmente, ou sem leis de baliza – em anomia – os indivíduos assumiriam comportamentos de desrespeito em relação aos outros, ameaçando-se a ética do convívio social, ainda que não identifiquem causas estruturais para tal comportamento. Com esta reflexão o livro nos remete a contextos históricos presente e que sempre nos lembra a questionamentos sociais puramente esquecidos.

Campos (2000) apontados os estudos de Freud em que fala que o caráter homogeneizador da comunidade, ressaltando, porém, a sua dimensão negativa e injusta de considerar todos os homens iguais em desejos e necessidades. A natureza humana dificilmente se dobra a qualquer espécie de comunidade social e vive em comunidade é “trocar uma parte de felicidade pessoal por uma parte de segurança, através de mecanismos que facilitem essa má troca.

O preconceito e a discriminação começam dentro de casa, na escola, nas ruas, na mídia. Apresentado no conjunto da obra o movimento hip hop representado pela vida dos adolescentes. Histórias de vida como a de Leandro Maskot (apelido que recebeu quando começou a cantar rap) emociona pelo sonho, pela luta contra o preconceito e pelo desfecho que mudou seu relacionamento com a família (PROSPERO e GIANNECCHINI, 2007).

## **1.2 Produção Cultural, Educação Familiar e Sexual**

Segundo as autoras o adolescente Maskot ensina às mães e aos pais que educação não significa agressão e vice-versa. Ressaltando a importância que o apoio da família tem para o adolescente. Levando em consideração a conversa dos parentes com os adolescentes. Os adolescentes querem ver a realidade de outra forma e ter curiosidade sobre o que são drogas, rap, periferia, sociedade, e várias outras coisas que passam pela a cabeça dos jovens.

O livro em seu bojo mostra todas as formas de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral e continuando no tempo. Ele encontra seu fundamento no homem visto em sua totalidade e não neste ou naquele papel que possa desempenhar na ordem social. Sua força psicológica deriva duma motivação profunda e realiza-se na fusão das vontades individuais, o que seria impossível numa união que se fundasse na mera conveniência ou em elementos de racionalidade. O livro mostra que a comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação internacional, da participação e da volição. O elemento que lhe dá vida e movimento é a dialética da individualidade e da coletividade (CAMPOS, 2000).

Coisas que levam os pais e adolescentes a refletir sobre o que os filhos precisam saber de seus pais. Sabemos que os adolescentes têm curiosidade querem saber quais os efeitos das drogas em seu corpo e esta curiosidade leva muita a e escondem da família temendo uma represália, ou seja, uma agressão como punição por terem descumprido as regras da casa ou também sociais (PROSPERO e GIANNECCHINI, 2007).

Galera em Movimento – Uma Turma que Agita a Transformação do Brasil apresenta temas como a sexualidade e retoma nossos conhecimentos sobre os assuntos que se fazem necessários apresentar e que foram visto em sala de aula. Homens e mulheres têm iniciado sua vida sexual, em grande parte, na adolescência e de formas um tanto diferenciadas.

As práticas sexuais na juventude têm sido descritas como dinâmicas e em constantes transformações, sendo que seus perfis podem acarretar impacto

importante na vida reprodutiva dos jovens, como, por exemplo, o aumento das taxas de fecundidade na faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade observada para o Brasil como um todo e a magnitude da AIDS no perfil epidemiológico dos jovens brasileiros.

As questões de gênero têm se mostrado importantes na condução das escolhas reprodutivas de adolescentes, particularmente o momento da primeira relação sexual e o primeiro parceiro sexual. Na maioria das vezes, a iniciação sexual de jovens do sexo masculino ocorre mais precocemente que a de jovens do sexo feminino.

Para Prospero e Giannecchini (2007), Maskot defende o papel político e social do movimento hip hop e, por isso, a responsabilidade na hora de compor os versos de um rap chama a atenção por sua consciência. Essa idéia fica clara em alguns versos de Maskot:

*"Em minha opinião, todos os grupos quer conscientizar nas letras que fazem, mas eu não concordo com os raps de alguns grupos que influenciam as pessoas à criminalidade, o meu conceito é diferente, é ao contrário, quero que todo mundo fique em paz. O hip hop não é ficar só naquele negócio de periferia e favela. Isso é o que eu vivo, mas eu não quero só ficar nisso, eu quero evoluir, eu quero crescer, eu quero chegar num lugar onde tá cheio de político e saber conversar a língua deles, mostrar pra eles que quem canta rap não é burro, quem canta rap sabe o que tá falando"* (PROSPERO e GIANNECCHINI, 2007).

O livro nos leva a verificar a importância do estudo comparativo sobre "Música, identidade e experiências discriminatórias", realizado com jovens negros, pertencentes ao movimento hip hop nas cidades brasileiras. Apesar das diferenças históricas, políticas e sociais do Brasil existem muitos paralelos entre os jovens das capitais brasileiras no que diz respeito às expressões político-culturais e às orientações coletivas de vida desenvolvidas a partir de uma estética global, ou seja, a partir da incorporação e adaptação do hip hop em suas práticas cotidianas.

A práxis coletiva em torno do movimento hip hop e as formas de discriminação etno-racial e de segregação socioespacial vividas no cotidiano constituem uma base de experiências comuns entre os jovens brasileiros. Nesse sentido a análise dos contextos sociais que permeiam as experiências comuns é fundamental para a compreensão das distintas visões de mundo ou orientações coletivas dos jovens e suas ações práticas.

Para tanto utilizamos o conceito de visão de mundo. O rap passa a ser visto como um instrumento de comunicação e informação entre o grupo e os jovens estrangeiros e simpatizantes do hip hop. Através das letras e dos discursos durante os shows realizados, o grupo pretendia atingir os jovens que não estavam organizados politicamente e que não participavam de atividades organizadas por ONG's e por associações de imigrantes.

A "mensagem" ou opinião passada através da música era a de que todo o país deve estar organizado entre si numa espécie de "família" ou "associação", para melhor reagir aos insultos e "ataques" por parte dos Skinheads. A união dos estrangeiros e a experiência através da vivência coletiva fariam à força, ou seja,

possibilitaria aos moradores de favelas o desenvolvimento de argumentos próprios contra o racismo e a violência.

As atividades artísticas em torno do hip hop organizadas pelos Centros de Juventude foram fundamentais na consolidação do movimento hip hop nas cidades brasileiras de todo o Brasil. Os jovens freqüentam esses espaços durante a adolescência e juventude, constituindo-se como grupos de dança break ou como bandas musicais no interior desses centros.

Para os grupos Skateboard e Drama, o hip hop é visto primordialmente como um elemento de identificação com a geração jovem e menos como uma forma de construção e afirmação da identidade étnica. Inicialmente os jovens interessaram-se pelo hip hop por ser um estilo musical que trazia momentos de “curtição” através das ações desenvolvidas coletivamente. Ao mesmo tempo, a preferência deste estilo pela maioria dos jovens da comunidade (“a maioria do pessoal só curtia rap”) gerou um processo de identificação expressiva Goffmann (1996) com a cultura hip hop, que passou a ser vista como única forma de integração entre os jovens da mesma geração.

Não aderir ao hip hop significaria estar desintegrado e excluído do grupo geracional e das atividades no próprio bairro. Como componente central da orientação geracional dos grupos paulistanos e berlinenses destaca-se a relação de suas práticas estético-musicais a uma revolução que, no entanto, não deve ser entendida como uma revolução social ou política, mas como uma revolução cultural e juvenil, ou seja, como forma de contestação específica da geração à qual pertencem.

O hip hop é visto como uma “potencialidade” ou como um dom natural único e exclusivo dessa geração: “nós já nascemos dentro dessa onda”, argumenta um jovem. Sendo assim, o hip hop passa a ser visto como uma revolução cultural levada a cabo por jovens que pertencem não somente à mesma geração, mas que compartilham também um mesmo extrato de experiências como diria Mannheim (1964) (Art der Erlebnisschichtung).

No nordeste, fortemente em Lagoa do Itaenga município localizado na zona da mata norte do estado de Pernambuco, existem outras formas dos jovens expressarem sua opinião através do som forte e marcante do coco-de-roda com os mestres: Bio Caboclo, Pita e Zito Tetê; Do maracatu de baque solto ou maracatu rural com o Mestre Reginaldo Silva; O mamulego ( marionetes ) com o mestre Zé de Vina; do Cavalinho com o Mestre Zé de Bibi; O coco de embolada com os mestres: Pena Branca, Tapoji e Delegado; O som das violas dos repentistas Bio Tomáz e Zé de Zabé; E dos folguedos da sanfona de Sinhozinho, Zé de Coco, Chá Cutuba e Fogo no Munturo; O ritmo e o som marcante dos grupos de Bacamarteiros do Finado Antônio Bento da casa de farinha (Antônio Severino da Silva), Nico – Ednaldo Antonio da Silva , Inácio Miguel e Antônio Maria. Grupos de Capoeira dos Mestres: Dudé e Bibi.

Estes grupos levam os jovens a resgatar a cultura afrodescendente, levando pela arte armorial, embalado pelos grupos teatrais do Fazer Valer, CETALI - Companhia Teatral de Lagoa de Itaenga, os grupos de Cinema Giral, Seu Zé, os grupos de percussão Semente do Amanhã, dos grupos de Santa Ana de Açude de Pedras e Arrombados.

Nestas as associações comunitárias de jovens como a AJI- Associação Jovem de Lagoa de Itaenga mobiliza-se para promover uma discussão efetiva de juventude voltada para juventude local, regional e nacional, com foco em políticas públicas jovens. Como também as Associações de Primavera com Seu Rufino e Dona

Joemi, Associação das Mulheres Agricultoras dos Sítios Açude de Pedras, Imbé e Arrombados com Edna e Maria José, Associação dos Agricultores de Açude de Pedras e Imbé com Pedro Epifânio, Colônia de Pescadores com Bio da Barragem, Associação de moradores do Sítio Arrombados com o Seu Dionísio, Associação do Eixo Grande com Juvenal, Associação do Marreco e Imbé com Luiz Damião e a Associação do Cai - Cai com Edilson.

Através de uma clara distinção entre o hip hop e outros estilos musicais, bem como entre as gerações mais velhas e as mais jovens, os grupos definem o movimento hip hop e movimento popular como marca e expressão autênticas de sua geração. A práxis musical e sociocultural passa a ser para os grupos desse tipo uma forma de sociabilidade, de constituição de relações geracionais e de solidariedade, de descoberta das capacidades e habilidades individuais e de geração de processos criativos: “é interessante tudo o que se pode fazer aí, a pessoa descobre-se a si mesma e os desejos encobertos vêm à tona” são as palavras de um jovem rapper do Grupo Drama.

Um segundo componente da orientação geracional dos grupos paulistanos e berlinenses é a análise crítica da geração paterno-materna através da práxis musical, sobretudo da figura do pai. O rap é visto como um instrumento de análise coletiva das experiências biográficas individuais e familiares ou como uma forma de “desabafo” e partilha de suas vivências. Contudo, constatamos que a análise das histórias individuais e experiências traumáticas vividas no contexto familiar acontecem de forma distinta. Visto nos grupos culturais, artístico, musicais e dançantes do nordeste brasileiro.

No caso dos jovens paulistanos, a crítica dirigida à geração paterno-materna e a distinção entre as gerações mais jovens e entre os espaços geográfico-sociais (centro/periferia) está relacionada às experiências de desintegração familiar e de segregação socioespacial. Como um dos elementos centrais da orientação geracional dos rappers paulistanos pode destacar a falta do embate ou ‘conflito’ com normas e valores da geração paterno-materna.

Essa ausência do ‘conflito’ acontece porque na adolescência – fase que se caracteriza pela busca de concordância e segurança habitual –, os jovens paulistanos praticamente não podem contar com o apoio dos pais ou porque a relação com os mesmos é altamente precária. A figura do pai está marcada principalmente pela sua ausência no contexto familiar, fazendo com que os jovens 13 As palavras e frases em asteriscos foram tomadas das entrevistas. Paulistanos tomem uma posição de distanciamento e de certa frieza em relação ao mesmo.

Nesse sentido a expressão “desabafo” documenta uma forma de lidar com as experiências de ruptura e desintegração familiar. Histórias individuais e experiências traumáticas vividas na família são trabalhadas textualmente (através das letras de rap) e superadas de forma comunicativa com os integrantes do grupo e com o público. E é este sentimento de pertencimento a um grupo, no qual os membros passam a ser herdeiros de um conjunto de narrativas comuns, que gera uma satisfação de cantar para um público. (A letra de um rap não é apenas a história de um indivíduo, mas a história de muitos outros jovens que estão ouvindo e cantando uma música juntamente com o grupo Skateboard, hip hop,): Antônio:

*“... Que nem a música nossa que até agora fez mais sucesso foi Pai Decepção né que tá tocando direto na rádio, toca sempre e todas às vezes que a gente vai cantar sempre as pessoas já param pra ouvir porque também já se identificam com o que a*

*gente tá falando, com o jeito da gente se comportar no palco; a gente nunca chega a ser assim muito a querer ser superior a ninguém todas as pessoas que vem perto da gente às vezes a gente fica brincando entendeu às vezes eu fico até meio nervoso com um com outro por que uma brincadeira demais entendeu; então aquela coisa as pessoas chegam na gente sem medo e tá cantando pro pessoal assim é legal porque é o nosso povo né? É o pessoal da gente, é a gente da gente...” (PROSPERO e GIANNECCHINI, 2007).*

A apresentação em público gera o reconhecimento do desempenho (“o jeito da gente se comportar no palco”) e dos elementos estético-musicais da banda através da platéia, criando, ao mesmo tempo, um momento de concordância habitual entre o grupo e os ouvintes no que diz respeito às experiências conjuntivas (konjunktive Erfahrungen), ou seja, às experiências que não são apenas comuns entre esses jovens, mas que apresentam estruturas idênticas na sua forma de constituição.

Um exemplo desse tipo de experiência conjuntiva está na música “pai decepção” e na reação do público quando a música é cantada: “As pessoas já param prá ouvir porque também já se identificam com o que a gente tá falando”.

No caso dos jovens berlinenses, a análise da geração paterno-materna toma uma dimensão altamente metafórica e dramática. Suas letras tratam “somente de dramas”, uma vez que o grupo encara toda a existência como uma tragédia, como no coloco Avni: Avni: ... ehm, então, eu falo somente de dramas, e o meu lema também é drama. Então, eh, toda a vida é um drama. Então, a gente poderia encarar toda a vida como um drama, assim, como se fosse um livro de não sei quantas páginas, a cada minuto surge uma nova página, ou duas frases ou algo assim. Eh, e cada um são o seu ator principal.

Assim, e cada vê com os seus olhos e conta a partir da sua perspectiva... O trabalho de análise das experiências individuais e de histórias “fictícias” através da composição de textos musicais acontece num nível que poderíamos chamar de interpretação documentária, ou seja, com base em expressões metafóricas que refletem a visão ‘dramática’ do grupo em relação à vida. Nesse processo de composição das letras e confecção das bases musicais, as experiências individuais são abstraídas do contexto social específico e transportadas para um contexto virtual (“cada um é o seu ator principal”).

A busca de concordância habitual e de coletividade acontece durante a composição das letras, que passa a ser uma tentativa de transposição dos problemas da vida cotidiana para o campo virtual. Nesse aspecto notamos uma diferença entre os grupos paulistanos e berlinenses, uma vez que o sentimento de coletividade e de concordância habitual entre os jovens paulistanos acontece principalmente no momento da interação com o público e menos na fase de produção dos textos e das bases musicais.

### **1.3 Identidade**

Questões relativas à origem e à identidade étnica não aparecem ou são pouco tematizadas entre jovens paulistanos e berlinenses de orientação geracional, o que caracteriza um terceiro aspecto comum a esses grupos. Mesmo ressaltando a satisfação de cantar para “o nosso povo” (que pode ser interpretado como a alegria

e o prazer de cantar para um público afrodescendente), o grupo paulistano Skateboard dirige-se em primeiro lugar à geração jovem que vive em situações sociais e histórico-biográficas semelhantes. Através da música, da reciprocidade e da interação com o público, o grupo procura superar a perda de vínculos e de pessoas significantes (“eu tenho letra que fala da minha avó que morreu”) e as “decepções” vividas no cotidiano e nas relações familiares.

Entre os jovens berlinenses de origem turca, constatamos que a relação com a comunidade étnica não acontece nem através do conteúdo das letras nem através da língua, uma vez que as músicas são escritas em inglês. Através da composição e apresentação das músicas nesse idioma, o grupo constitui para si uma terceira esfera, ou um “entre-lugar” como diria Bhabha (2001). A constituição de uma terceira esfera permite o desenvolvimento de processos criativos e um posicionamento que rompe com identificações ou tentativas de defini-los como “turcos” ou como “turcos-alemães”. Sendo assim, os jovens entrevistados geralmente se definem como “europeus” ou como “berlinenses”.

A utilização do inglês como idioma de referência também pode ser interpretada como uma busca por princípios universais de reconhecimento e como uma tentativa de ampliar o leque das relações para um grupo que não se restringe somente às fronteiras geográficas e/ou étnicas.

*O HipHop ele foi fundamental neste sentido porque aumentou a nossa auto-estima né porque nós somos considerados um povo sem; sem identidade né mesmo pelo processo da colonização né e da miscigenação né. E então a gente a partir daí a gente começou a ter eh, eh criar a nossa própria identidade que tem que ter um alicerce...*  
(PROSPERO e GIANNECCHINI, 2007).

## 2 Delineamentos Metodológicos

Foram utilizados os sites acrescidos dos serviços da Biblioteca da FIR - Faculdade Integrada do Recife. As bases de dados consultadas foram: O livro Galera em Movimento – Uma Turma que Agita a Transformação do Brasil, Revista do Centro de Educação, Revista Lusófona de Educação - Scielo, Deixar as siglas na web foram encontradas referências. As palavras-chave usadas isoladas e/ ou em cruzamentos foram: Adolescente; transformação; Movimento. Procedeu-se a uma análise das informações do relatório à luz da literatura disponível sobre o assunto de modo a permitir a verificação de convergências, divergências e possíveis lacunas no conhecimento acumulado.

## 3 Resultados

Com Prospero e Giannecchini (2007) as possibilidades de troca de experiências cresceram. Para Santos (1986) e Dângelo (2001) o grande centro urbano passou a receber cortes de verbas federais que até então ajudavam em projetos sociais, enquanto os gigantes imobiliários se apossavam das moradias, deixando pequenas e limitadas áreas residenciais, geralmente os bairros mais pobres, para a grande massa. Somado a isso se encontra uma enorme quantidade de convocações de negros e latinos para atuar na guerra do Vietnã. Frente a essa gama de dificuldades surgiu uma nova forma de enfrentar a realidade urbana

através da arte, o Hip Hop, e uma retomada dos movimentos artísticos culturais, dançantes, poéticos manifestações musicais no nordeste Brasileiro.

Para o autor o Fetichismo na Música e a Regressão da Audição que os meios provocam uma identificação do sujeito com o objeto de acordo com a quantidade de vezes que uma determinada canção é executada. Segundo ele afirma que hoje o hip hop, maracatu, coco-de-roda, repente, bacamarteiros, mamulego, cavalo marinho, coco-de-embolada e a ciranda se trata tanto de uma cultura popular, quanto de massa. Logo ela apropria e é apropriada e consumida pelos diversos segmentos da sociedade.

Com sua crescente capacidade de mobilização social e influência, desenvolveram-se em torno dos setores dirigentes do Movimento posturas por um lado, ingenuamente triunfalistas e, por outro, desqualificadoras de alianças possíveis, inclusive (e principalmente) com o aliado natural e imediato do MST- Movimento dos Sem Terras, o Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais de pequenos agricultores, atualmente representados pela FETAG'S- Federações dos Trabalhadores na Agricultura Estaduais filiados a CONTAG – Confederação dos Trabalhadores na Agricultura e que esta é filiada a CUT- Central Única dos Trabalhadores. O MST vítima de seu sucesso recente, o movimento tem sido incapaz de vislumbrar estratégias realistas de ação e de compor-se com setores sociais os mais diversos, quase sempre adotando a imposição externa da subordinação ao que é decidido internamente, quando outros atores sociais contemplam a possibilidade de alianças. Aqui também não cabe argumentação mais demorada, à luz do discutido anteriormente e, igualmente, em face do extremo irrealismo de pensar transformações ambiciosas, como a reforma agrária, a partir exclusivamente de suas próprias forças.

Com o livro Galera em Movimento de Prospero e Giannecchini (2007) é possível perceber que o Movimento deve, portanto, desenvolver novas formas de luta que o tirem da pequenez desta orientação, como a única chance de galvanizar outros apoios, de maior densidade social e política, tornando assim suas propostas (construídas com seus aliados e não a eles impostas) passíveis de realização e, como resultado, fazendo a reforma agrária uma mudança irreversível.

Construir uma ordem democrática real, portanto, parece ser o maior desafio dos movimentos de extração popular, como o MST – Movimento dos Sem terra, FATAPE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Pernambuco – e nos limites da institucionalidade atual. Afirmar, assim, um regime político que materialize os “atributos clássicos” dos sistemas políticos formalmente institucionalizados e que introduza pelo menos duas outras características essenciais: a legitimidade do conflito, como a própria fonte originária e formativa da esfera política (assim tornando legítimas, por exemplo, as ocupações de terra, como formas de pressão de um determinado grupo social, mesmo que ilegais) e, como outra faceta essencial de um regime efetivamente democrático, a irrestrita autonomia associacional, permitindo o florescimento das diferentes formas de representação da sociedade e sua participação no “jogo de disputas” da política, fazendo da liberdade de expressão das demandas sociais, organizadas formalmente, a principal característica das sociedades democráticas e erradicando controles sociais mantidos por particularismos diversos.

No Brasil, a mediana da idade da primeira relação sexual foi de 19,5 anos para as mulheres e 16,7 anos para os homens em 1996. Em 1998, 46,7% dos adolescentes do sexo masculino já haviam iniciado sua vida sexual antes dos 14 anos de idade, ao passo que a proporção de adolescentes do sexo feminino foi de

32,3%. Pirotta (2002) ao estudar uma amostra representativa dos estudantes de graduação matriculados em uma universidade estadual paulista, encontrou uma mediana da idade da primeira relação sexual de 17 anos no grupo masculino e 18 anos no grupo feminino.

Assim no livro *Galera em Movimento*, Prospero e Giannecchini (2007) é visto novas formas de luta dos movimentos sociais, entre as quais poderão destacar-se aquelas patrocinadas e estimuladas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, orientarem-se por uma visão de democratização da sociedade brasileira que se aproxime da intransigente defesa de tais componentes de uma ordem democrática, as chances de mudanças substantivas, em prazo médio, poderá tornar-se ampliadas, a reforma agrária poderá surgir com maior nitidez no horizonte e – o que é notavelmente mais relevante – toda a sociedade será beneficiada com o aprimoramento político e social decorrentes da afirmação deste projeto de transformação.

É bom recordar que na década de 1960, formou-se o movimento hippie nos EUA, que influenciou jovens do mundo inteiro com seus ideais de paz e amor. Protestavam contra a Guerra do Vietnã e contra o avanço imperialista americano pelo mundo. Propunham a igualdade e uma vida simples. Sua música era o rock. Os hippies foram responsáveis por vários movimentos, não só nos EUA como também em muitos outros países.

Nas Universidades, os jovens faziam dos ideais hippies sua bandeira de luta para mudar o mundo. Em 1968, na França, os estudantes parisienses, influenciados por esses ideais e liderados por Dany Cohn-Bendit, iniciaram uma série de protestos contra o sistema de ensino do país, pois o achavam arcaico e conservador. Esse protesto gerou uma revolta muito grande e transformou-se em crítica à sociedade da época e à política tradicional. Os jovens bloquearam as ruas de Paris, com o apoio de suas famílias, dos trabalhadores em geral e dos intelectuais, conseguindo abalar as estruturas dominantes. Adotaram o pacifismo hippie, entregando flores aos militares designados para combatê-los. Proclamaram a liberdade sexual e criticaram o poder. Seu slogan era "E Proibido Proibir". O bloqueio das ruas parisienses originou o que se chamou de "Barricadas do Desejo". O presidente francês, na época, Charles De Gaulle, apoiado pelos conservadores, combateu o movimento, conseguindo dissolver os protestos. Mas a crítica ao poder e ao autoritarismo persistiu, permanecendo no cenário mundial. Os estudantes proclamaram a "Imaginação no Poder", com o desenvolvimento dos meios de comunicação e a circulação de informações de forma mais livre e aberta. Como consequência, o movimento dos jovens franceses influenciou praticamente todas as partes do mundo ocidental, cujos estudantes começaram a se movimentar em torno da modificação educacional, social e política. O movimento saiu, então, do cenário francês e alcançou o cenário mundial.

Zinnecker (1987) percebe que dos anos de 1950 até 1980 há uma mudança histórica na concepção de juventude que se instalou desde o século XVIII. Ele afirma que, do século XVIII até meados do século XX a juventude existia, sobretudo no papel e na mente dos teóricos da juventude como utopia, referindo-se a alguns jovens, varões e burgueses. A partir dos anos, cinqüenta dois grandes grupos demográficos começam a viver também a sua juventude, de acordo com a concepção clássica: a juventude operária e a feminina.

Nos anos 80 muito mais jovens experimentam uma moratória psicossocial, com a ampliação do tempo na escola e adiando o trabalho. E, como a pressão da carreira do futuro adulto começa já na infância e na escola, as ciências sociais viram que

deve oferecer a proteção primária para a moratória e, os adultos devem seguir aprendendo, situam-se muito próximos dos jovens. Na atual compreensão de juventude, ela passa por transformações. Temos um modelo do que os protagonistas da teoria crítica social Adorno e Horkheimer chamaram, em seu momento, de “dialética da Ilustração”.

A participação dos jovens brasileiros em dois episódios diferenciados de ação coletiva: o movimento estudantil dos anos 60 e os cara-pintadas dos anos 90. Desta forma se entende melhor os jovens que foram levados da identidade participativa de “estudante” (anos 60) a outra, qualificada pela noção mais abrangente de “cidadão”, em 1992.

Neste sentido é possível afirmar com Marguli e Urresti (2000) que é mais do que um signo e não se reduz aos atributos “juvenis” de uma classe. Também é mais do que uma categorização por idade e se articula social e culturalmente em função da idade, com a geração a que pertence, com a classe social de origem, com o gênero e com a inserção familiar. É um tempo de firmar convicções, atuar e experimentar a vida individual e coletivamente, onde a participação nos grupos de jovens pode contribuir para a formação da identidade solidária. Assim, a vivência em grupos de jovens pode contribuir para formar capital social e atuar na sociedade organizada com muito mais vigor. Em movimentos e organizações juvenis, a juventude terá muito mais condições para ser protagonista de uma sociedade nova presente no em Galera em Movimento (PROSPERO E GIANNECCHINI, 2007).

Perrot (1996); e Prospero e Gianneccchini (2007) apresenta que é no grupo que os jovens reconhecem sua individualidade, colocando-o como referência diante de um meio social. Nele os jovens partilham idéias, estudam e assumem juntos conflitos, vitórias e derrotas, pois “o grupo é, tradicionalmente, o cadinho de uma sociabilidade juvenil intensa”.

Krauskopf (2000) chama atenção para as mudanças de paradigmas provocadas pela globalização e a modernização, afirmando que as políticas e programas de juventude devem considerar eixos estratégicos a visibilização positiva dos jovens e a sua participação protagônica. Há o reconhecimento da participação juvenil como imprescindível e efetiva, abandonando o adultocentrismo, tendo presentes as diversas situações de exclusão.

Os jovens podem ser a reprodução ou a negação da consciência e ação das velhas gerações. Eles estão sempre procurando, pensando o mundo, com os recursos de que dispõem e vínculos coletivos permitidos para exercitarem a sua capacidade de discernimento. A formação de uma geração é difícil e requer tempo para ouvi-la e todos se auto avaliarem para criarem de fato relações duráveis e fortalecerem uma coletividade que busca a democracia política. Na criação de um novo repertório, na luta por uma linguagem própria que traduza sua compreensão do mundo os jovens contestadores têm apostado na convicção como arma da mudança e, nesse sentido, aproximam-se de coletivos cuja convocação possibilita exercerem sua autonomia, princípio evocado desde o Maio de 68, afastando-se daqueles com fins meramente reprodutivistas. Os jovens estão com a chave da formação de um novo conceito de coletividade que está questionando a tecnologia do pragmatismo constitutivo da sociabilidade globalizada.

Há um constituinte que são as situações interpessoais um elemento importante para a configuração da juventude, uma vez que definem e regulamentam as relações dinâmicas em que jovens e adultos estão envolvidos. São duas as formas exploradas das relações interpessoais.

De um lado, a referência à família, grupo social específico no interior do qual se desenvolvem relações de manutenção. Estas formalizam a situação de classe no nível das relações interpessoais, pois propiciam uma modalidade de ajustamento entre o jovem e o adulto que envolve o modo pelo qual ambos são socialmente categorizados.

Para Benjamim, (1985<sup>a</sup> e 1985b) a juventude é considerada condição indispensável para que ocorra uma verdadeira experiência, o que promove clara inversão na maneira como a questão era proposta anteriormente. A experiência parece ter deixado de significar conhecimento ancorado na sabedoria do saber fazer, acervo de uma vida que pode ser transmitido, para resumir-se à vivência sem lastros do momento.

De qualquer modo, atualmente os mais jovens parecem desinteressados de incorporar à sua vida o trajeto percorrido e o legado das gerações anteriores. Ao mesmo tempo, os mecanismos sociais capazes de vincular a experiência pessoal dos que agora são jovens à que sustentava a conduta e as maneiras de ver o mundo das gerações que vieram antes já não podem ser facilmente ativados. Afinal, com as alterações significativas que ocorreram nos padrões de sociabilidade e nas formas de ser, essa experiência não tem validade para aqueles que estão no início de sua vida. Pode-se perceber, então, que o tempo decorrido é realmente passado, não faz mais sentido para a vida atual.

O momento presente é vivido como um refúgio, fora do passado e do futuro, não existindo senão o instante, o prazer e a liberdade Pronovost (2000). O comportamento juvenil da atualidade é, então, compreendido como a busca continuamente reiniciada pela vivência do presente – percebido como tempo de flexibilidade e de mobilidade, de ausência de compromisso, em que o lazer e a aventura têm um papel predominante e a possibilidade da emergência de perspectivas e dimensões novas para a existência é sempre valorizada.

Essa concepção de identidade, com imensas variações, também está presente entre os pensadores iluministas. A crítica mais importante, a nosso ver, é a que a sociologia dirige ao chamado “individualismo racional” do “sujeito cartesiano” Hall (2005) porque entendeu que os indivíduos são constituídos por relações sociais e pela participação em processos identitários mais amplos. Visível nas histórias narradas no livro *Galera em Movimento* e é no interior destes contextos que se constrói a identidade do indivíduo

É com Marx (1996 e 1988) segundo Hall (2005) que tivemos um considerável descentramento do sujeito, posto que o homem deixe de ser uma entidade fixa que o determina independente de suas particularidades.

Vale destacar as FETAG'S – Federações dos Trabalhadores na Agricultura em especial a FETAPE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco, que vem mostrando sua luta com movimentos de jovens, com passeatas, congressos, festivais de jovens e jovens trabalhadores, com suas músicas e gritos de ordem.

Em um movimento de juvenil as canções evocam a realidade, incentivando suas lutas, reforçando sua resistência e promovendo a conscientização. No contexto de jovens as músicas são fácil captação encontrada enraizada na vida do povo de forma tão profunda que em qualquer de suas expressões culturais tente a aflorar. Segundo Silva (2008) no movimento sindical, o canto passa a ser empregado como importante fator de comunicação. O canto tem um papel significativo para que o trabalhador saia da condição de “inibido” para “desarnar a falar”. O contato com a música leva o trabalhador a reconhecer-se como artista-cantor; a sentir-se solidário.

Este espírito solidário extrapola seus momentos de formação e se concretiza na militância de todas as suas lutas, especialmente na greve, trunfo último e mais eficiente para o alcance de suas reivindicações, presente na música: “A FETAPE com Você”:

*“Já sofremos até derrota, mas agente não importa, vamos ter que conquistar. Sofri neste acampamento, ameaça e tormento, mas é claro está na vista. Entenda como quiser, mas nós comemos este filé, pra provar nossa conquista... Só não vem quem não quiser. Está tudo organizado, muito bem acompanhado; homem, menino e mulher. Vou chamar os companheiros, pra lutar junto comigo, nesta luta pra valer. Produzindo alimentos, resistindo nesta terra. Pra mostrar nosso poder”.* Faixa 14 do CD Lutando e Cantando: Música e Política dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco (MENEZES & PEREIRA, 2008: Faixa 14).

Para Pereira (2008a e 2008b) estas músicas dão conta de rememorar alguns dos momentos marcantes dos processos de organização política dos trabalhadores rurais da zona da mata do estado de Pernambuco. Processo de pessoas concretas envolvidas na “luta”, assim estes cantos, versos e gritos de ordem, vem contribuindo significativamente com mais esta capítulo da história da música brasileira, o da relação entre a música popular e os movimentos sociais. Assim como nas “rebel songs” irlandesas, no “folk” e nas ‘working and union songs” norte-americanas, ou na “nueva trova” latino-americana, a música está aqui presente em momentos de transformação social, celebrando a reivindicando um mundo novo presente na música: A História não Falha:

*“Já chega de tanto sofrer, já chega de tanto esperar. A luta vai ser tão difícil. Na Lei ou na marra nós vamos ganhar. Quem gosta de nós somos nós. E aqueles que vêm nos ajudar. Por isso confia em quem luta. A história não falha, nós vamos ganhar. Se agente morre nesta luta. O sangue será a semente. A Justiça vamos conquistar”* Faixa 02 do CD Lutando e Cantando: Música e Política dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco (MENEZES & PEREIRA, 2008: Faixa 02).

Essa geração também traz consigo potencialidades e possibilidades de participação historicamente inéditas. Na mesma busca de identificar marcas geracionais comuns, podemos dizer que as conquistas tecnológicas modificam a comunicação, a socialização, a “visão do tamanho do mundo” entre gerações. A propagação veloz de certos símbolos e valores pelos mais diversos países permitem que jovens – de diferentes condições sociais e de diferentes locais do mundo –, de alguma forma, partilhem um mesmo universo de referência. Fatos e experiências relacionadas em Galera em Movimento.

Contudo, não anula apropriações diversas e a multiplicidade de vivências baseada nas diferenças de renda, gênero, raça, etnia e local de moradia. Porém, mesmo em um cenário de profundas desigualdades sociais, não é impossível que grupos de jovens socialmente distantes tenham acesso as mesmas informações sobre determinados assuntos e estabeleçam inéditos diálogos sobre a participação juvenil e a construção da democracia

Algumas pesquisas mostram que, para certos segmentos juvenis, a desqualificação da política e da classe políticas vem acompanhada de uma

reapropriação da idéia de “cidadania” para a qual são transferidos certos atributos próprios do campo político tais como: ação, conscientização direitos, valorização dos espaços coletivos, busca de resolução dos problemas etc. Em variados grupos de jovens voltados para a busca de inclusão social, podemos observar peculiar interseção entre o discurso da “cidadania” e as expressões do sentimento de solidariedade. Essa combinação tem se traduzido em disposições éticas e ações concretas em diferentes espaços (não necessariamente classificados como políticos) dos quais participam.

Venturo (1996) nos chama a atenção para o fato de que hoje, na América do Sul, mais do que “movimentos sociais” juvenis, assistimos ao aparecimento de “movidas” juvenis. De fato, nos setores populares urbanos – e também no âmbito de alguns movimentos que congregam jovens rurais – proliferam grupos ecológicos, musicais, esportivos, religiosos, cujas ações imediatas visam transformar as chamadas “comunidades locais”. Esses grupos, cada vez mais, articulam-se em espaços geograficamente mais amplos para: realizar intercâmbios artísticos, culturais e de experiências de ação social; participar de articulações e mobilizações ligadas as suas áreas de atuação; E participar de campanhas e mobilizações ligadas a interesses mais amplos da cidadania.

Para Melucci (2004), a identidade tende a coincidir com processos conscientes de individuação e de aprendizagem, vivida mais como ação do que como situação, de forma que identificação seria uma palavra melhor para expressar este caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos. A identidade tende a coincidir com processos conscientes de individuação e de aprendizagem, vivida mais como ação do que como situação, de forma que identificação seria uma palavra melhor para expressar este caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos.

Segundo o mesmo autor (1994), nos dias de hoje este processo depende de escolhas dentro daquilo que se quer e se pode, mas elas não se dão de forma aleatória, sem história, distanciadas das condições sociais, pessoais, familiares em que se vive. Pelo direito à diferença é difícil falar de identidade de um grupo (ou indivíduo), sem referir-se a três características: a continuidade do sujeito, independentemente das variações no tempo e das adaptações ao ambiente; a delimitação deste sujeito em relação aos outros; e a capacidade de reconhecer-se e ser reconhecido.

Conforme sinaliza Abramo (2007), a visibilidade social da juventude nos anos 90 está relacionada a diversos tipos de ações individuais e coletivas, porém a maior parte destas ações continua sendo associada pelo senso comum aos traços do individualismo, da violência, do desregramento e do desvio.

Um exemplo significativo de mobilização juvenil atualmente é a grande quantidade de jovens que participaram das diferentes edições do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre/RS. Assim, as relações de poder neste campo são bastante desiguais, o que torna a inserção destas jovens no movimento um desafio ainda maior. Bourdieu (2004) afirma que os jovens são “aqueles que chegam ao campo sem capital”, ou, de outra forma, sem os atributos valorizados pela maioria dos grupos.

E Kehl (2004) constata que o prestígio da juventude são recentes. Pode-se dizer que os jovens vivem, na contemporaneidade, numa época de profundas transformações, incluídas as de cunho econômico e moral, que afetam de modo indelével, sua transição para a vida adulta.

Abramovay (2001) diz que a relação dos jovens com suas famílias continuam apresentando uma forte ambigüidade. Um estudo divulgado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese Sandrini (2006) mostra que 45,5% do total de desempregados brasileiros têm entre 16 e 24 anos. Nesse contexto, os jovens representam apenas 1/4 da população economicamente ativa.

Em 2001, entre as jovens de 11 a 19 anos que tiveram filhos, 81,2% estavam fora da escola e sua renda média familiar per capita era de meio salário mínimo, enquanto para as que não tiveram filho, a renda média era de 1,21.

Os jovens devem tomar para si a gestão dos equipamentos públicos voltados à juventude. Inúmeras experiências alcançaram êxito na missão de atrair os jovens para atividades de exercício de cidadania quando passaram a ser geridas pelos próprios jovens. Os governos devem ter programas de capacitação dos jovens para a gestão pública e saber aproveitar as habilidades dos jovens gestores para que o Estado se aproxime mais da população.

#### **4 Considerações Finais**

No presente momento histórico a tensão local global se manifesta no mundo de maneira contundente: nunca houve tanta integração globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão profundos os sentimentos de desconexão e tão agudos os processos de exclusão. Por um lado, como já foi dito, exacerba-se o individualismo, o consumismo, a indiferença perante o sofrimento alheio, o medo imobilizador. Por outro lado, geram-se novas demandas e motivações para a participação juvenil. Assim como existem elementos na sociabilidade contemporânea que impõem limitações a participação dos jovens, e possível identificar, também, outra serie de elementos que a impulsionam.

Nos dias de hoje, ha desafios específicos ligados ao desemprego juvenil e aos novos padrões de trabalho assalariado. De maneira geral, percebe-se, em jovens de distintas classes sociais, certa pressa para trabalhar mais cedo. Certamente, para a maioria, a pressa esta ligada as necessidades básicas de sobrevivência pessoal e familiar. Por outro lado, na sociedade de consumo, a urgência também pode estar relacionada com a busca de emancipação financeira, mesmo que parcial, que possibilite acesso a variados tipos de consumo e de lazer. No entanto, para os jovens de todas as classes e situações sociais, a pressa parece estar relacionada com a consciência de que, submetidos às transformações recentes no mercado de trabalho, o diploma não e mais garantia de inserção produtiva condizente com os diferentes graus de escolaridade atingida.

Os grupos de arte e cultura funcionam como articuladores de identidades e referencias na elaboração de projetos individuais e coletivos. A literatura tem mostrado um conjunto variado de grupos urbanos associados a grupos esportivos, rádios comunitárias, grupos de teatro, de dança e a estilos musicais (rock, punk, heavy metal, reggae, funk e outros) que desempenham uma importância crescente para os jovens. Tais grupos promovem o estabelecimento de novas formas de pertencimento social que lhes permitem expressar descontentamentos, fazer denúncias e elaborar novos caminhos de participação. Trata-se de algo diferente da chamada arte engajada. Esse caso, um grupo de artistas se coloca a disposição do movimento estudantil, das lutas sindicais e políticas. Os grupos atuais levam diretamente suas expressões artísticas ao espaço publico provocando repercussões políticas. Por meio de ritmos, gestos, rituais e palavras instituem sentidos e

negociam significados buscando visibilidade pública e disputando adesões de jovens. Inventam e reinventam estilos que se tornam formas de expressão e comunicação entre significativos contingentes juvenis.

Nos países da América do Sul – em proporções diferentes – existiram ontem, e existem hoje, pequenas parcelas de jovens envolvidas com a militância em espaços definidos como eminentemente políticos. Uma vez mais, faltam estatísticas e séries históricas que permitam a comparação quantitativa entre ontem e hoje. Porém, mesmo sem poder falar em quantidades, pode atentar para o aspecto relacional. No espaço público, se encontram tanto jovens que atuam a partir dos lugares clássicos da política como grupos culturais, religiosos. Para tanto, torna-se necessário valorizar novas combinações entre as noções de cidadania, direitos humanos, inclusão social e sentimentos de solidariedade.

Tais combinações podem oferecer uma equação historicamente inédita entre subjetividade (que parte do pessoal, mas não fica restrita a questões de foro íntimo e se incorpora ao debate público) e objetividade (que exige ações no aqui e agora).

Hoje, há no ar uma energia que vem da indignação ética, do novo olhar ecológico, da criatividade para a reinvenção do mundo do trabalho, do empenho moral presente nas organizações da sociedade civil e das ações solidárias que ocorrem em determinadas igrejas e tradições religiosas. Vislumbra-se um novo e possível caminho para a construção do espaço público. E nele, destaca-se a juventude.

Nas áreas rurais também se fala em “criar postos de trabalho” e atividades rurais não - agrícolas. Sem dúvida, há uma saída massiva de jovens do campo. Porém, ao mesmo tempo, registra-se predisposição de uma parcela da juventude rural para responder a apelos de mobilizações e práticas “ecologicamente corretas”. E como se as representações e práticas ecológicas agregassem valor positivo ao “ficar no campo” – antes só visto pela ótica do atraso. Via ecologia, os jovens rurais se conectam com as questões de seu tempo, fazendo dialogar velhos problemas com novas motivações. Legitimados por ações locais especificam, articulam-se regionalmente, passam a fazer parte de redes maiores, de redes de ONGs, de articulações nacionais, internacionais. É comum, em encontros internacionais, ouvir jovens latino-americanos se comunicando – em português, espanhol ou em “portunhol” – por um “dialeto” ecologicamente comprometido.

Os jovens moradores das cidades, por sua vez, também têm experimentado a possibilidade de transformar velhas precariedades da infra-estrutura urbana em demandas “ambientais” e em ações concretas. Tendo a ecologia como vetor de aglutinação, grupos de jovens moradores das cidades abordam a questão do lixo urbano propondo mutirões, reeducação de moradores para manter a limpeza, coleta seletiva, reciclagem e valorização dos garis comunitários como “educadores ambientais”. No Rio de Janeiro, o desmatamento, o deslizamento de terra em encostas e o entupimento de galerias pluviais são questões cotidianas, cuja gênese está na especulação imobiliária e nas desigualdades de renda e acesso a moradia. Nesse cenário, é o ambientalismo, como chave de leitura geracional, que se apresenta como canal de comunicação e alavanca para despertar sonhos entre os jovens.

Assim o livro Galera em movimento. Uma turma que agita a transformação do Brasília traz uma visão do que está ocorrendo no campo da juventude e os resultados apresentados podem dizer que uns efeitos da repercussão de movimentos juvenis espalhados pelo Brasil.

Contudo, os jovens estão articulados politicamente e não estão alheios aos interesses sociais, psicológicos, econômicos e educacionais sobre assuntos voltados para seus interesses.

E a psicologia social e comunitária inclina-se para os acontecimentos de mudança no cotidiano das pessoas como disciplinas e como ciência da sociedade e da comunidade. Na sua dinâmica e atuação voltada para os movimentos populares e ações sociais de interesse para psicologia.

## 5 Referências

ABRAMO, Helena Wendel e LÉON, Oscar Dávila. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. In: Juventude e Contemporaneidade. Brasília: Unesco, MEC, ANPEd, 2007.

ABRAMOVAY, M. et al. **Escolas de Paz**. Brasília: Unesco/Governo do Estado do Rio de Janeiro/Unirio, 2001.

BENJAMIN, W. **“Experiência e pobreza”**. In \_\_. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

\_\_\_\_\_. **“O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”** 1985b. In

BHABHA, Homi.; **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

BOURDIEU, Pierre.; **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMPOS, R. H. F.. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M., RUA, M. G. e ANDRADE, E. R.; **Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

DÂNGELO, Newton.; **Vozes da Cidade: Progresso, Consumo e Lazer ao Som do Rádio – Uberlândia – 1939/1970**. Doutorado-História. PUC/SP, 2001.

DIMENSTEIN, G.; **Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GOFFEMANN, E.; **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HALL, Stuart.; **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10ª ed.: Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KRAUSKOPF, Dina.; **Dimensiones críticas en la participación social de las juventudes**, 2000.

KEHL, M. R. A.; **Juventude Como Sintoma de Cultura**. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*; Rio de Janeiro: Editora Fundacao Perseu Abramo, 2004.

MANNHEIM, Karl.; **Das problem der generationen**. (inglês: *Essays on the sociology of Knowledge*. London: ROUTLEDGE, Kegan Paul, 1952). In: \_\_\_\_\_. *Wissenssoziologie*. Neuwied: Berlin, Luchterhand, 1964

MARGULIS, Mario y URRESTI, Marcelo; **La juventud es más que una palabra**. In: *La Juventud Es más que una Palabra*. ARIOVICH, Laura et al. 2.ed. 1.ed.: junio de 1996: Buenos Aires: Biblos (col. Estudios Sociales), 2000

MARX, Karl & ENGELS, F.; **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 10ª ed.: São Paulo: Hcitech, 1996.

MARX, Karl & ENGELS, F.; **Manifesto do Partido Comunista**. 7ª ed. Global. São Paulo, 1988.

MELUCCI, Alberto.; **Passaggio d'epoca**. Milano: Feltrinelli, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Jogo do Eu**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MENEZES, Renata de Castro; PEREIRA, Edmundo M. M. (Coord.). **A História não Falha** (Faixa 02). In: *Lutando E Cantando: Música e Política dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco*, Coleção Documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2008.

\_\_\_\_\_. **FETAPE e Você** (Faixa 14). In: *Lutando E Cantando: Música e Política dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco*, Coleção Documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2008.

PERALVA, A.; **Violência e democracia: paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, Edmundo M. M.; MENEZES, Renata de Castro.; **Lutando e Cantando: música, política e memória social dos trabalhadores rurais de Pernambuco**. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro 26ª, Bahia, 2008a.

PEREIRA, Edmundo M. M. (Coord.). **Música e Movimento Social na Zona da Mata de Pernambuco**. In: *Lutando E Cantando: Música e Política dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco*, Coleção Documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2008b.

PERROT, Michelle.; **A Juventude Operária. Da Oficina à Fábrica**. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). *História dos jovens*. (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves), Vol. 2. A época Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PINHEIRO, P. S.; **Prefácio: o passado não está morto, nem passado é ainda**. In: DIMENSTEIN G., *Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

PIROTTA, KCM.; **Não há guarda-chuva contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP** (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2002.

PRONOVOST, Gilles. ; **“Les jeunes et le temps”**. Lien Social et Politiques – RIAC, Montreal/Canadá, 2000.

PROSPERO, Daniele e GIANNECCHINI, Laura.; **Galera em movimento. Uma turma que agita a transformação do Brasil**; 1º ed. -. São Paulo: Editora Projeto/Revista Viração, 2007.

SANDRINI, J.; **Desemprego entre os Jovens Atinge 32%**. *Folha de São Paulo*. 14/09/2006. Acessado em 19/08/2009. Disponível em <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/cbn/capital\\_140906.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/cbn/capital_140906.shtml)>

SANTOS, José Luiz dos.; **O Que é Cultura**. 4º ed. (Coleção Primeiros Passos; 110). São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, J. G. A.; **Retomada das Lutas e Organização dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais**. In: Lutando E Cantando: Música e Política dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco, Coleção Documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2008.

SOARES, Luiz Eduardo (org.); **Violência e Política no Rio de Janeiro**, Relume Dumará e ISER, Rio de Janeiro, 1996.

VENTURO, Sandro.; **Movidas em vez de movimentos**. *Flecha em el azul*, Lima, n. 1, ano 1, fev./mar., 1996.

VIEIRA, Oscar Vilhena.; **“Estado de Direito, seus Limites e a Criminalidade”**. In MESQUITA NETO, Paulo de; SAPORI, Luís Flavio; WANDERLEY, Claudio Burian; VIEIRA, Oscar Vilhena; FONTES DE LIMA, Flavio Augusto e TISCORNIA, Sofia. *A Violência do Cotidiano*. Konrad Adenauer Stiftung, 2001.

ZALUAR, Alba.; **Cidadãos não vão ao Paraíso**. Campinas: Ed Escuta, 1994.

ZINNECKER, Jürgen.; **La juventud actual: ¿Comienzo o final de una época?** Educación, Instituto de Colaboración Científica, Tübingen, República Federal de Alemania, 1987.